

1 Introdução

A ficção de Lobo Antunes vai servir como revelador daquilo que nós mesmos não queríamos ver, que nós mesmos não queremos ver, não apenas essa morte exterior, brutal, trágica que ele encontrou em África, mas outra realidade mais profunda, a nossa realidade de seres confrontados com qualquer coisa ainda mais profunda que a morte, que é a do sofrimento, a da injustiça que nós infligimos aos outros, a nossa própria miséria, os nossos terrores sepultos. Tudo isso ele vai realizar através da sua ficção, vai realizar a verdadeira psicanálise, mas desta vez não mítica, de Portugal, mas psicanálise visceral, profunda, daquilo que nós somos ou daquilo que nós imaginamos realmente ser.

(Eduardo Lourenço, *Divagação em torno de Lobo Antunes*)⁴

Com a Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1974, a sociedade portuguesa observou o colapso final de um difícil ciclo político marcado pela supressão das liberdades individuais e políticas e pelo uso de ilusões patrióticas através da propagação de versões oficiais para o passado português, narrativa que compreendia feitos gloriosos como a longínqua história dos Descobrimentos. No movimento de ruptura com uma ordem há muito consolidada, tornou-se necessário repensar simbolicamente a sociedade portuguesa, tarefa que norteou os projetos literários de muitos escritores, dentre eles, António Lobo Antunes.

A partir da Revolução de Abril instaurou-se uma nova ordem política que suscitou na sociedade portuguesa o desejo de renovar as imagens do país, anteriormente mergulhado no baú da memória nacional. Com a Revolução, parece que um labirinto de realidades se apresentou aos portugueses, hesitantes entre a saudade de uma imagem mítica nacional e um futuro europeu promissor, em que a liberdade conquistada poria *a nu* as fantasias imperiais disseminadas durante o Estado Novo.

Como transformar ultrapassados valores culturais e políticos e se inserir em um novo contexto histórico e cultural? A dificuldade com que segmentos da sociedade portuguesa tiveram de se adaptar a uma condição pós-colonial é o que,

⁴ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes.” In: *A Escrita e o Mundo em António Lobo Antunes. Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 351 – 352.

de certo modo, Lobo Antunes delineou no romance *As naus* ao reproduzir algumas faces sociais deste período da História portuguesa.

Conscientes dos obstáculos criados por si próprios ao longo dos séculos, os portugueses enfrentaram os seus próprios fantasmas e seguiram rumo à Europa, a fim de redesenhar um país livre da intolerância política. Essa postura adotada pela sociedade portuguesa nos traz à memória a definição do crítico Marshall Berman acerca das implicações cotidianas da modernidade, que, segundo suas considerações, forçavam, finalmente, os homens modernos “a encarar suas condições reais de vida, de olhar o negativo de frente e viver com ele”⁵.

Os romances de Lobo Antunes destacam, sobretudo, as mazelas e o dilaceramento do indivíduo contemporâneo. O autor parece expurgar a memória da sociedade portuguesa, representando traumas históricos que envolvem os processos de descolonização da antiga África portuguesa. O escritor, em muitos momentos ao longo de sua obra, não se restringe à representação de Lisboa e expande sua narrativa para diversas cidades angolanas. São, sobretudo, nestes cenários que seus romances focalizam questões contemporâneas como a devastação e a exploração do continente africano. A ficção de Lobo Antunes, como nos diz Eduardo Lourenço na epígrafe deste trabalho, põe em cena outras verdades e outros olhares que não condizem com os impostos pelo discurso oficial da História.

A partir da análise de dois dos romances do escritor português *As Naus* (1988) e *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo* (2003), a dissertação **Portugal e Angola: imagens pós-coloniais na ficção de António Lobo Antunes** organiza-se como um mapeamento das formas de desmontagem dos discursos oficiais portugueses presentes nos textos do escritor. Ao representar situações de conflito em seus romances, Lobo Antunes propõe a retomada da memória do passado recente que o país tem de redimensionar. Neste processo, o escritor se aproxima de questões pós-coloniais tanto na perspectiva portuguesa quanto na angolana.

Lobo Antunes apresenta aos seus leitores tanto em *As naus* (1988) quanto em *Boa Tarde às Coisas Aqui em Baixo* (2003) narrativas que interrogam a história pós-revolucionária em Portugal. Para isto, vale-se de imagens e cenas que parecem apontar para uma interlocução freqüente com as questões africanas.

⁵ BERMAN, Marshall. *Porque o modernismo ainda vigora*. Rio de Janeiro: Papéis Avulsos 1, 1940, p. 1; 4.

Lemos, nesses romances, o que poderíamos chamar de ficções testemunhais que conferem aos seus personagens *vozes* que narram aspectos associados à recente condição histórica instalada em Portugal e em Angola - a complexa condição pós-colonial.

Na obra de Lobo Antunes, a representação da memória permeia os fragmentados discursos narrativos e a transversalidade temporal, em que passado e presente se fundem, “são vários tempos misturados [...] mas que afinal tratam de assuntos prementes”⁶. A simultaneidade é, portanto, um dos valores que caracteriza a sua obra. Seus personagens são dominados por passados idealizados e, em função deles, conformam o próprio presente, como afirma Andreas Huyssen:

A rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de lembrar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro.⁷

Na obra de Lobo Antunes, as identidades são representadas como lugares discursivos marcados essencialmente pela condição social e pelos principais processos políticos portugueses do século XX. Este é um dos temas mais recorrentes na obra do escritor. Os romances destacados nesta dissertação fazem referências a ciclos históricos de extrema relevância histórica para a sociedade portuguesa, como o Estado Novo, a Revolução dos Cravos, o processo de descolonização das colônias africanas, a adaptação do espaço pós-colonial e os conflitos da guerra civil em Angola. Em alguns momentos, ao longo das argumentações, propomos diálogos entre as produções literárias do próprio escritor, interações entre literatura e cinema, literatura e fotografia, expandindo para outros campos os apontamentos desenvolvidos a partir da leitura dos romances de Lobo Antunes.

Em *As naus* (1988), há alegorias e representações que são reformatadas posteriormente no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003) o que justifica a escolha dos romances trazidos à análise.

⁶ ANTUNES apud PEDROSA, Inês. “Ninguém escreve em Portugal escreve como eu” – Entrevista. In: *Ler: Livros & Leitores*, nº. 2, Primavera, 1988, p.73.

⁷ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 67.

Desta forma, apresentamos a dissertação em três capítulos principais: ***As naus: passado e presente no consciente português; Angola: um “retrato em branco e preto”*** e ***Lobo Antunes: o intelectual entre a ficção e os seus testemunhos***.

No segundo capítulo desta dissertação ***As naus: passado e presente no consciente português***, desenvolvemos considerações acerca das representações que Lobo Antunes faz dos efeitos sociais e políticos decorrentes da Revolução dos Cravos. Pensamos que, ao pôr em cena personagens que remetem a personalidades ligadas ao período das navegações, Lobo Antunes propõe revolver o passado para libertar, na ficção, figuras históricas imobilizadas na condição de mito, além de conceder, de certa forma, a oportunidade de os responsáveis pelo presente testemunharem, na ficção, a própria obra. A reflexão sobre a memória pública e sobre os lugares míticos da história portuguesa é o eixo do romance *As naus*. Procuramos enfatizar como o autor desconstrói no romance o discurso oficial, a ficção controlada da História⁸, quando rompe com as configurações tradicionais que envolviam as referências ancestrais, fundadoras de um sentimento específico da nacionalidade portuguesa. Articulamos reflexões ao longo desse capítulo que possibilitem esclarecimentos acerca das proposições de Eduardo Lourenço apresentadas em *O Labirinto da Saudade*, que se destinam a criticar a recente condição pós-imperial, questionando a postura cultural e política da nação portuguesa:

Quem somos? O que somos? Como nos tornámos no que somos, povo atrasado, inculto, desistente, sonâmbulo, inconsciente, sem outro futuro que o de um vago projecto imperial esvaziado de conteúdo?⁹

Em ***Angola: um “retrato em branco e preto”*** assinalamos os dilaceramentos do período pós-guerra colonial em Angola por meio do “verdadeiro mosaico narrativo”¹⁰ apresentado por Lobo Antunes no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Privilegiamos uma análise baseada nos tópicos associados aos processos do ciclo pós-colonial no território angolano, tendo sempre como foco a ficção do autor.

⁸ BESSA-LUÍS, Agustina. *Adivinhas de Pedro e Inês*. Lisboa: Guimarães, 1986, p. 224.

⁹ LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 92.

¹⁰ CASTELLO, José. “África, à beira da asfixia”. In: *Jornal OGLobo – Prosa & Verso*. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2004, p. 1.

Embora a descolonização em Angola tenha se instaurado no dia 11 de novembro de 1975, a exploração sem limites alimentada pela globalizante ambição em relação aos recursos naturais da *terra vermelha* dos musseques é a realidade do cotidiano dos personagens Seabra, Marina e dos agentes do “Serviço” que integram o quadro narrativo do romance. Por meio de interconexões estabelecidas com o filme *Diamantes de Sangue*¹¹ e com as fotografias de Sebastião Salgado (reproduzidas nos anexos dessa dissertação), traçamos formas diversas de representação de Angola, nos nossos dias.

Segundo o fotógrafo Sebastião Salgado, a África, de modo geral, continua sendo hoje, “uma fonte de matéria prima [...] a busca de riqueza fácil”¹². Ainda, de acordo com Sebastião Salgado, que visitou o continente africano pela primeira vez em 1971, incluindo países como Angola e Moçambique, “a situação não mudou, a situação é quase que exatamente a mesma na África, em alguns lugares, pior ainda. [...] A situação de fome continua, a situação de violência, de miséria, a situação de instalação de um continente”¹³. Esta circunstância se intensifica em Angola com o último ciclo de violência que se instalou e perdurou por mais de 25 anos nesta recente nação independente – o conflito civil protagonizado pelos angolanos do **Movimento Popular de Libertação de Angola** (MPLA) e pela **União Nacional para a Independência Total de Angola** (UNITA) que, aliados aos interesses econômicos externos em relação ao controle dos recursos naturais – os diamantes e o petróleo –, fomentaram o dilaceramento e a depressão social experimentadas pela sociedade pós-colonial angolana.

No quarto capítulo, **Lobo Antunes: o intelectual entre a ficção e os seus testemunhos**, apresentamos alguns posicionamentos particulares do escritor acerca das relações entre o seu país e o seu ofício literário. Para esta análise, retomamos entrevistas concedidas pelo escritor que funcionam, nesta dissertação, como a base da maior parte dos nossos apontamentos.

¹¹ *Diamantes de Sangue* (Blood Diamond), de Edward Zwick, 2006, Produção Warner Bros. Pictures. Um filme que retrata a guerra civil em Serra Leoa e o principal fomentador do conflito o comércio ilegal e internacional de diamantes.

¹² Entrevista concedida ao Jornal da Globo no dia 09 de novembro de 2007. Disponível em: <http://jp.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJ0-2742-20071109-309422,00.html> Acesso em 11 de novembro de 2007.

¹³ *Ibidem*.

1.1 O escritor português e Angola

O encontro com o obstáculo África, com a realidade de uma rebelião que põe em causa a História portuguesa tal como os portugueses da metrópole oficialmente queriam realmente viver, esse obstáculo foi um obstáculo que o acordou, que o acordou a ele e indirectamente vai acordar a ficção portuguesa para um encontro com a realidade, que não se encontra em mais nenhum outro romancista, seu contemporâneo. [...] vai no sentido de arrancar a máscara a Portugal enquanto tal, à realidade portuguesa no seu sentido mais profundo, [...]
(Eduardo Lourenço, *Divagação em torno de Lobo Antunes*)¹⁴

Hoje, preocupa-me a atitude ética do escritor [...] porque é muito raro encontrar alguém que seja ao mesmo tempo um artista e um intelectual.
(António Lobo Antunes, *Conversas com António Lobo Antunes*)¹⁵

Lobo Antunes esteve na guerra colonial em Angola como médico, experiência que seguramente marcou sua obra. As condições pós-coloniais em Angola, como estão representadas no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003), e os dilemas pós-coloniais portugueses mantêm entre si uma condição histórica em comum, em que foram desempenhados papéis muito diferentes.

Desde que o escritor retornou de Angola – ainda durante a guerra colonial –, é possível que as experiências e as lembranças da *terra vermelha* dos musseques tenham continuado a ativar uma rede de emoções reais ligadas à África. Entretanto, como afirma Nietzsche, “só aquilo que não cessa de doer perdura na memória”¹⁶.

Contudo, o escritor não parece apresentar soluções ou justificativas quanto à história colonial portuguesa, mas sim re-encenar no território literário a história das relações de Portugal e Angola ao longo do século XX, no período pós-colonial. O olhar ambíguo do personagem Seabra para Angola, no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, compreende uma memória traumática que se

¹⁴ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes. Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 351.

¹⁵ BLANCO, María Luisa. *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 69.

¹⁶ NIETZSCHE apud HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 67.

confunde com remorso e que parece falar da dificuldade portuguesa em lidar com a realidade africana:

[...] não se foge de Angola, só demasiado tarde compreendi que não se foge de Angola, [...] e a memória e o remorso continuam a doer-me (porque o inferno consiste em lembrarmo-nos a eternidade inteira não é verdade? imersos num caldeiro de recordações de que vêm, à superfície da fervura, bolhinhas de rostos, episódios desbotados, [...])¹⁷

Os testemunhos ficcionais de *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003) abrangem as conseqüências da desenfreada ambição humana em relação ao continente africano desde a colonização portuguesa até as últimas décadas do século XX.

Eduardo Lourenço, ao analisar a importância da obra de Lobo Antunes para a cultura, afirma: “o mapa mais próximo, mais verídico da nossa realidade agora, contemporânea, que nós possuímos, é aquele que se encontra na obra de António Lobo Antunes”¹⁸. Cada ficção de António Lobo Antunes se tingem de cores diferentes ao retratar um momento histórico específico de Portugal. É como o dia parafraseando o escritor, “que é um só e que vai mudando de cor e de luz”¹⁹.

Tomando as considerações do professor Holgonsi Soares ao afirmar que o crítico Jean Baudrillard definia sua maneira fragmentada de escrever “como sendo pequenos retratos do mundo”²⁰, de forma semelhante, tem-se também, na forma fragmentada da escrita de Lobo Antunes, pequenos *retratos* da história portuguesa, onde os personagens funcionam como espelhos ao refletirem uma multiplicidade de ângulos sociais e culturais da sociedade portuguesa.

¹⁷ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 27 – 28.

¹⁸ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes. Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 355.

¹⁹ ANTUNES apud LUIS, Sara Belo. “O mundo de António Lobo Antunes em 12 partes” - Entrevista. In: *Visão – Cultura*, nº. 712, 26 de outubro de 2006, p. 139.

²⁰ SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. “Contribuições pós-modernas”. In: *Jornal “Diário de Santa Maria” - Caderno MIX – Idéias*. Rio Grande do Sul, 31 de março – 01 de abril de 2007, p. 18. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/ baudrillard.html> Acesso em 20 de novembro de 2007.